

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Director: ANTONIO COBEIRA — Editor e Proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA — Administrador: RODRIGO A. DA SILVA

Preços de assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	entreg.
Portugal (franco de porte m. forte)	3\$800	1\$900	640	3\$120
Posseções ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	800	
Estrangeiro e India	5\$000	2\$500	1\$000	

- 38.º Anno — XXXVIII Volume — N.º 1312

10 de Junho de 1915

Redacção — Administração — Atelier de gravura
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento a Jesus, 4

Composto e impresso na Typ. Cesar Pilotto

Largo de S. Roque, 11 e 12

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos a administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CRONICA OCCIDENTAL

Nas horas vagas que lhe sobejam dos seus ocios de funcionario publico — o sr. Augusto Forjaz entretem-se a erguer aos nossos olhos, em evocação as figuras do Passado. O seu ultimo livro — **Livres das Feras**... — editado agora tão cuidadosamente quanto possível no momento actual pela Livraria Ferin, vem demonstrar nos á evidencia que o Passado, se não era nem mais nem menos triste que o Presente, seria, ao certo, mais pitoresco e menos digno de esquecer-se... Faz desfilar deante de nós toda uma galeria de tipos, característicos, autenticos, tatuados por um ferrête de severidade, ou surpresos num estertor épico da agonia, ou estumados nas meias tintas duma simpatia negligente, mas tipos que marcam e casos sociaes que sintomatizam épocas.

O autor divide o livro em duas partes. A primeira intitulou-a — *Pelo fogo, pela corda, pelo ferro!* — e o titulo indica sugestivamente a natureza do assunto. Trata-se de carnicerias, barbarismos, assassinatos e execuções em massa.

Manchados a tintas sombrias, apresentam-se nos quadros que hipnotizam de terrôr. «São paginas repercutindo gritos de esparteçados, bramidos de desesperos, uivos de sofrimento. São frutos duma arvore que foi abatida, mas cujas sementes ainda ás vezes tentam germinar»... Em verdade a pena que traça estas paginas, não se revela por singularmente critica, mas também não se desdoura por exarar, em impetos, protestos que veem de gerações. Sobretudo, esta parte do livro é um ensinamento que visa a ser de todos

entendido. A primeira figura que nos aparece pujantemente, enchendo um século, é a figura grande e sinistra do Marquês de Pombal. Falta-nos a coragem de apodalar o de tiranete — porque a sua vontade dominou todo o seu tempo. Vontade de predomínio — é um exemplo raro, em Portugal, que merece de todos, como tal, ser admirado. Se dele conhecesse algo, Nietzsche apresental-o-ia, talvez, como tipo vivo da sua teoria. Quase todos, se não todos, os defeitos, que ao Marquês apontam os detractores, são qualidades do super homem niŕscheano.

Todavia, se encararmos a utilidade

social da Obra, a figura grande e sinistra do Marquês de Pombal reduz-se quase ás proporções dos estadistas seus antecessores e seus sucessores nesta malaventurada Imbecilítania. E então damos ao sr. Augusto Forjaz motivos para estigmatizal-o, a ferro em brasa, severamente. De facto o autor do livro — **Livres das Feras**... — mostra-nol-o de envolta com «Lisboa», Tavoras, Malagrida e outras vitimas duma vesania que exigia mudança de ares ou colêtede-forças.

Dotado duma cultura historica, que em ninguem seria para desdenhar, o sr. Forjaz dá-nos, a traços largos, todo o es-

boco geral duma epoca, e sabe pôr em relevo as figuras que, adentro dela, por circumstancias varias se distinguiram.

E' que o seu livro — é um livro de emoção: ora amarrotado num gesto de revolta contra os vilanetes ruins que a sua retina representa insistentemente; ora beatificado num olhar de compaixão ante os miseros que caíram victimas do despotismo ou victimas de intriga. Destes falando, adrede, pede aos leitores «se forem crentes, rezem uma oração de sentimento pelas almas dos que tanto padeceram»...

Se nestas paginas afloram por vezes impetos de cóleras — ha também, e sobretudo, muito de ternura piedade e simpatia.

Aparece-nos a figura suggestiva de Gomes Freire justificado atrocemente, numa agonia de ignominia, entre os penedos da Torre de S. Julião da Barra. Surge Moreira Freire — inteirado de morte na força do miguelismo. Vem ainda Gravito — castigado sem culpa no patibulo pelos defensores lidimos da tradição nacional. Todos estes factos nol-o evidencia o autor succedidos nos bons

Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes



AUGUSTO ROSA — Quadro de Columbano



AUGUSTO FORJAZ

tempos em que o duto e energico José Agostinho de Macedo se escarpelava e descompunha em panfletos varios — *Besta esfolada, Tripa virada* e quejandos...

Tão horrorisados estamos já de carnicerias que não podemos de espaço referir-nos aos fuzilamentos de Campo de Ourique e sómente relanceamos mais um olhar de simpatia e magoa a esses guerrilheiros intrepidos—frei Simão, padre Farinha e Remechido, portugueses de lei, animos de tempera antiga.

A segunda parte do livro, que analisamos, intitula-se — *Nos casos da vida*. Contrasta singularmente com a primeira. Se uma é pesada, sombria, lugubre, a outra é leve, matisada, elegante. Logo de começo, sentimos um grande alivio e proseguimos, surpresos de alegria, a nova leitura. Após a ascensão cansada dum calvario, deparamos com horizontes serenissimos. Subito vemo-nos de envolta com os leões de 20 e começamos de erguer brindes á Vida. Nas suas — **Notas para um dicionario dos portuguezes notaveis do meu tempo** — já Julio Cesar Machado nos dera o esquisso inimitavel de alguns estroinas elegantes dessa epoca. Todavia, lemos ainda sem desprazer os casos que lhes são referidos e a nossa curiosidade amplia-se mais, momento a momento, ao observar essa galeria, deveras pitoresca, de tipos que são — Sotto Maior, Marquês de Nisa, Sant'Ana e Vasconcellos, Conde de Castelo Melhor, Chico Reis, Branca de Paiva...

Ha tempos, recebemos tambem do sr. Forjaz um livro interessantissimo — **Nun' Alvares**. Ocupações e preocupações obstaram ao intento de realisar a proposito, uma noticia cuidada e pormenorizada. Entretanto, dele falou já a Critica — e os seus dictâmes não podiam ser-lhe displicentes.

ANTONIO COBEIRA.

Folhas soltas

Um grande compositor quasi esquecido!

Podia-se este anno festejar o centenario do nascimento d'um grande compositor, que me parece, quasi desconhecido entre nós.

Refiro-me a Friedrich Robert Valkmann que nasceu em Lommatzsch em 1815.

Valkmann é considerado na Alemanha como um dos compositores mais serios. Discipulo de composição do notavel professor Becker, soube, imprimir nas suas obras um cunho official de originalidade deveras curiosa. Valkmann, nunca revelou aptidões para musica theatral, tendo abordado a musica vocal profana e sagrada. São muito suggestivas as suas obras orchestraes, e de musica de camara, e sobre tudo as peças para piano. Para este instrumento apontarei a op. 23 *Esquisses de voyage* de 8 peças, muito interessantes pelo seu delicado poder descriptivo; *La Journée* em que o auctor nos traduz em delicados desenhos musicaes a *manhã, o meio dia a tarde e a noite; doze peças infantis* op. 39. as quaes foram arranjadas para 4 mãos pelo notavel compositor contemporaneo Humperdinck, o que é já por si o melhar reclamo!

Mas a sua obra prima para piano é a *Vizegrad*, que muito gostaria de ouvir por um dos nossos pianistas. É uma serie de paginas impressionistas inspirados nas ruinas de um castello na margem do Danubio. A musica, n'esta obra, impressiona pelo seu poder descriptivo. A modelação das harmonias são conduzidas com intenso poder, cada pagina palpita de encanto, cada phrase nos arrebatava!

Como seria interessante e educativo um concerto com obras d'este compositor!

Mas nada se fará.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

Sarah Bernhardt

Bordeaux, 1915

Já lá vão uns tres mēses. Os leitores recordam-se ainda daquella carta impressionante, que nas vespas de sēr mutilada em Bordeaux M.^{me} Sarah Bernhardt escreveu a M. Maurice Barrès?

Um meu colega malicioso, que não perde occasião de metter o bedelho em coisas do theatro, jurou-me por todos os deuses que essa formosa carta não era mais, do que um habilissimo *reclame*...

«Depuis le commencement de cette monstrueuse guerre, je lis passionnément vos articles; mais le dernier: «Un appel pour les invalides de la guerre» m'a particulièrement émue, peut-être parce que je me fais couper la jambe après-demain dimanche, et que j'eut ainsi dans la grande famille des mutilés. Mais non! ce n'est pas pour cela. C'est pour la grande vérité humaine qui se dégage de votre article. Je pouvais garder ma jambe et rester étendue sur une chaise longue. Les chirurgiens m'avaient demandé six mois. Je les refuse! Et pourquoi?»

Parce que la nostalgie s'emparait de moi; j'accepte d'être mutilée, je me refuse à rester impotente. Le travail est ma vie. Je veux me remettre au travail et retrouver ainsi ma gaieté et, je l'espère, utiliser encore toute cette force d'art qui me soulève et me soulèvera jusqu'à l'au-delà.

Donc je viens vous dire de la part de mon fils et de moi que nous avons quatre

places pour vos protégés dans notre théâtre. Voilà. Pardonnez-moi d'avoir tant parlé de moi et comprenez pourquoi je l'ai fait.

Pensez à moi dimanche matin!

En toute admiration.

Sarah Bernhardt

No dia 22 de fevereiro os prof. Denucé e Arnozan de Bordeaux operavam a nossa grande comediente. O celebre doutor Pozzi, que presidira á conferencia medica de 13 de fevereiro, visitava nesse dia, muito longe, os hospitaes de sangue. Hoje M.^{me} Sarah Bernhardt acalenta a sua velhice gloriosa ao sol e á paisagem do Midi...

Recordar a vida de M.^{me} Sarah Bernhardt é relembrar a maior série de triumphos, que uma mulher do theatro pode ter. Nem a Malibran, nem a Adelaide Ristori, nem a Rachel, a Duse, a Patti, ou essa tórva e morena siciliana Mimi Aguglia alcançaram jamais semelhantes laureis.

Entrou na *Comédie* em 1862, representando successivamente no *Gymnase*, na *Porte-Saint-Martin*, no *Odéon*, no *Vaudeville*, no *Ambigu-Comique*. Foi secretaria do *Comédie*, directora do *Renaissance* e hoje está á frente do theatro *Sarah*, o templo da sua arte inegalavel. Representou as tragedias gregas, Shakespeare e Victor Hugo, Sardou e François Coppée, Edmond Rostand.

Soffreu e cahiu como uma mulher de peccado, triumphou victoriosa como uma santa, foi virgem e martyr, animando com um sopro de génio todas as figuras immortaes da Historia: *Iphigénie, Zaire, Phèdre, Andromaque, Junie, Ophélie, La Dame aux camelias, Marion Delorme, Fedora, Theodora, Tosca, Magda, La princesse lointaine*...

Cançada do mundo ergueu os olhos para o céu num dôce arrombamento; e resuscitou a alma casta e dolorida de de Santa Thereza de Jesus.

Quiz viver numa hora de febre o legendário heroismo da França Napoleónica. Vestiu-se de branco, cingiu a espada, e manchou a «Contonière» com o sangue do *ruban rouge*. Era a imagem viva do encantador e infortunado *Aiglon*. No parque de Schoenbrunn, sob as tilias perfumadas começou a tecer um sonho de mysticismo e de gloria. O seu olhar, d'um azul nostalgico e dolente, voltava se para a querida terra de França, o amado paiz natal...

Muito alto e muito esbelto, cabellos soltos, olhos errantes—essa pobre creança matou-a lentamente a nostalgia. A saudade da gloria e o exilio da Patria cavaram-lhe e ennegreceram-lhe as órbitas, adelgacaram-lhe o corpo franzino, perseguiram-no de insomnias...

Sob as tilias perfumadas e no calido ambiente das roseiras em flor, o *Aiglon* definha de saudade... E uma manhã suave, na capellinha imperial e real, o loiro Franz cõr de cêra faz a sua ultima communhão, balbucia palavras de sumo adeus á França e naquella sorriso infinitamente triste, que é o sorriso dos desterrados... lá se morreu!

BERTRAND DE MONTROSE

MURILLO (ESTEVAM)



Visão de Santo Antonio de Lisboa
(Coleção Moreira Freire)

O LEQUE



*teu leque de plumas, rendilhado
onde dormita um mandarim chinês,
tenho-o já muitas vezes invejado,
tenho-o beijado, em sonhos, muita vez.*

*Tenho lhe querido, oh tenho-o adorado,
quando em crises de doce languidez
ele me diz, no seu vac-vem rithmado,
tudo o que tu me não dirás talvez!*

*E' um leque divino, precioso,
que em tuas mãos tem o condão pod'roso
de espalhar o prazer e as delicias.*

*Oh possa eu, durante toda a vida,
ver arquejar, como uma pomba f'rida,
teu lindo leque em tuas mãos patricias!*

8-VIII-914

EDUARDO PACHECO

A EDUCAÇÃO MORAL

(Concluido do numero antecedente)

O estudo da história quando devidamente conduzido, é de grande valor moral. A história apresenta diante do espirito exemplos de heroismo e abnegação, de amor pátrio e fidelidade a principios, de actos grandiosos praticados á custa dos maiores sacrificios, que são profundamente educativos.

Como podem esses exemplos deixar de dar inspiração e nobreza, sabendo com elles aproveitar o desenvolvido instinto da imitação do aluno, na idade liceal? E' nesta idade que os sentimentos altruistas começam a desenvolver-se no individuo e é por isso que é agora que se devem apresentar os mais altos caracteres históricos para lição e para exemplo.

Depois, o estudo da história deve ser usado para exercitar a apreciação moral dos factos. As personagens que a história apresenta não são todas boas; os caracteres mesmo das melhores nem sempre são immaculados.

Taine dando um conceito de arte na sua «Philosophie de L'arte» diz que a obra d'arte é aquella em que os detalhes e os pormenores concorrem para tornar mais saliente e notavel a ideia ou a figura principal.

Dentro deste conceito, o professor de história para moralisar deve ser um artista. Deve expôr com verdade as personagens e as epocas, fazendo no entanto sobressair o que nelas ha de característico, para exemplo quando predomina a virtude, para abominação quando é o vicio que impera.

O estudo da história pode tornar-se assim o meio de alumi- ar a consciência acordando as aspirações generosas mas, devo acrescentar «só nas mãos dum professor que esteja, elle proprio, possuido das altas responsabilidades morais da sua missão».

—O ensino das sciências da natureza cultiva o espirito da verdade. Dá a confiança nos proprios meios de investigação quando o ensino é feito, como deve ser, pelo processo intuitivo que leva pela observação directa dos factos á indução das leis. Cria o espirito pratico do observador e desanima o meramente especulativo. Habitua a procurar o caminho para a descoberta da verdade e dá ideias exactas e experimentais sobre as forças da natureza que o aluno, sob os seus proprios olhos e entre as suas proprias mãos, vê actuando.

—O desenho prepara o espirito para a compreensão da forma e para a concepção do belo. E' o primeiro passo dado na cultura estética que é toda moral.

Os trabalhos manuais educativos, compreendendo sob esta designação, não o sistema técnico mas o sistema pedagógico ou Sloyd, não são só um notavel elemento de cultura geral e integral, exercitando a atenção, a percepção exacta e o ra-

ciocinio, mas tendem ao desenvolvimento de todas as facul- dades sendo um poderoso elemento de educação pela acção.

Como Larrson adaptou o Sloyd ás situações e aos gostos americanos não será impossivel adapta-lo igualmente ao nosso paiz.

Nenhum processo melhor se conhece para desenvolver o amor do trabalho pelo trabalho e desenvolver o espirito de observação.

Resumindo, o Sloyd é, como diz Buyse, o processo de desenvolvimento natural, fisiologico, intelectual e moral do aluno, seguindo um método regular e racional.

Finalmente são as sciencias matemáticas ricas em símbo- los de virtudes morais. A sciência do numero é conscienciosa por excelência. Ela educa, acima de todas, a virtude da exac- tidão, o culto da verdade.

O espirito matemático é o que inspira mais confiança.

Conta-se que se descobriram um dia no observatório de Berlim erros singulares nos calculos dum astrónomo notavel. Era, porém, tal a confiança que merecia o seu trabalho que se disse «E' impossivel que F. tenha errado os seus calculos, mais depressa teria a terra abandonado a eclitica».

Nessa ocasião descobriram-se determinadas alterações, até então desconhecidas, no eixo da terra.

São as sciencias matemáticas as que mais desenvolvem esse lado importante do caracter que é a confiança em nós proprios.

Abandonado o critério seguido no ensino destas sciências por todo o seculo XIX em que as matemáticas applicadas (—ma- thematiques du réel—) desaparecem quasi totalmente, para da- rem logar ás matemáticas puras, em que a geometria não se importa com a mobilidade das figuras, em que estas sciências eram apenas um processo de gymnastica intelectual, a mate- mática começou a ser um auxiliar precioso do educador.

O método trazido pelo movimento chamado *mouvement des ingénieurs* na França e na Alemanha *Ingénieurs Brwegung* trazendo este estudo para a realidade veio dar-lhe um alcance moral.

Ensina a um rapaz matemática com desenvolvimento e terás um homem feito, diz Bright.

Não é pois difficil mostrar o alcance moral de todos os ra- mos da instrução; pelo contrario «será difficil encontrar um único que quando devidamente encarado não appareça rodeado duma fotosfera moral».

Finalmente o mero mecanismo da escola tende a impor habitos de ordem de pontualidade e de obediência que são factores indispensaveis a uma completa cultura moral.

O lar a escola são pois os elementos decisivos da forma- ção do caracter.

Que as mães e os mestres saibam e queiram e obter-se-ha uma perfeita educação moral.

ALBERTO MACHADO

Pela Arte

Um alvitre

Fui na tarde de ontem, na romagem dos poucos que a essa hora lá encontrei, admirar a Exposição de Belas Artes, instalada ha poucos dias na Casa dos Artistas, á rua Barata Salgueiro,

Logo de entrada, em contacto com os belissimos trabalhos que ali se acumu- lam, senti o espirito elevar-se em extase, desanuviado das tristezas depressivas de um lutuoso motivo ocorrido ha dias, maximé quando atraído fui pela esta- tueta do *Rapaz que ri*, que se destaca logo á entrada, ao fundo do salão cen- tral do edeficio, que foi para mim a mais agradável e surpreendente mostra da extraordinaria vocação do novel ar- tista que a trabalhou, o sr. Severo Por- tela, filho, talvez o mais novo dos ex- positores deste ano discipulo de Simões de Almeida Sobrinho.



SEVERO PORTELA (filho) por JOÃO REIS

Aquella figurita, junto da qual me quê- dei largos minutos em contemplativa admiração, é digno de todos os elogios pela correção das linhas e pela natura- lidade flagrante do mais jovial humor infantil, que o jovem artista tão fielmente soube reproduzir no barro.

Este trabalho e outro que o mesmo artista expõe, —o busto de sua Mãe em baixo relevo,—despertou em mim algu- mas considerações sobre o aproveita- mento de muitas vocações perdidas pelo desconhecimento de naturaes aptidões e pela falta de estímulo, que sómente nestes certamens se podem revelar, e que ficam ignoradas com prejuizos das artes, e das industrias do paiz, porquan- to a arte é a orientadora do trabalho do homem, isto é, que resolve a sua ca- pacidade social imprimindo-lhe movi- mento e acelerando-lhe a marcha para o seu destino.

A sciência, e a arte principalmente, são factores activos nos organismos so-

ciaes. A moral e o direito consolidam a sociedade e garantem a sua estabilidade as sciencias e as artes promovem o seu desenvolvimento e fixam as leis do progresso.

Portugal, bem como a Hespanha, estancionaram, absorvidos pela influenciada educação jesuitica e quando, no expatriamento arabe, consentiram na destruição de todos os seus elementos de arte.

O nosso mal não é ethnico, como muitas vozes se supõe: é cultural. O atraso da nossa nacionalidade provém, inquestionavelmente, de defeitos e deficiencias de educação.

Se não tivéssemos, nos dias em que nos arrojam a aventura maritima das grandes descobertas, abandonando a cultura das artes e com elas a educação nacional, sem o espirito preparado ao menos para o commercio das terras conquistadas, não teríamos sido tão fortemente influenciados pelas régras da Companhia de Jesus e o nosso paiz seria hoje tão livre e tão poderoso como a Holanda ou qualquer outro povo industrial, da minima



SEVERO PORTELA (Filho) no seu atelier

Só assim poderemos aspirar ao resurgimento de Portugal. E' este o encargo patriótico e immediato do momento historico que atravessamos, que mais deverá preocupar a todos aquellos que teem responsabilidades na administração do paiz.

Assim reflexionando, enquanto admirava a prometedora vocação artistica do sr. Severo Portela, filho, só nesta ocasião revelada, ocorre-me este alvitre:

— Porque não realisar exposições annuaes, de estudo de desenho das escolas publicas e particulares, na séde de cada districto escolar, estimulando aspirações e desvendando vocações dos que estudam, no interesse do desenvolvimento das artes e das industrias nacionaes.

A arte é a base da industria, o desenho, porém, é a lei primeira de todas as artes.

30 5-1915.

D. P. BARREIRA

importancia então e que hoje caminham, properos e respeitados, na vanguarda da civilisação mundial.

Não ha povo incapaz de civilisação; esta depende porem, da sua educação. Sem noções de arte não ha industria orientada e perfeita, isto é, não ha trabalho renumerador; sem este não ha independencia economica, e sem esta não ha bem estar possivel.

O trabalho em Portugal não está devidamente organizado; o que possuímos não utiliza propriamente a nação, baseia-se em sindicatos e monopolios que exaurem a nossa riqueza em beneficio de extranhos e de oligarquias especulativas.

O trabalho em Portugal carece de orientação que possa atrair e interessar toda a nação, tornando-a verdadeiramente activa, isto é, — industrial.

A falta de instrução relativa tem gerado no espirito de cada qual um foco de resistencia, — a descrença em tudo e em todos, que é necessario combater e transformar. A descrença, é a peor forma de resistencia que os governados podem opôr á acção dos governos.

E' logico pois reconhecer, que acima de todas as falácias da politica, e mais ainda do que a propria liberdade, temos a obrigação de iniciar os nossos concidadãos no movimento para o porvir da nossa patria, que, decerto, todos ardentemente desejam ver integrada na vida moderna.

Urge para isso levar á convicção de todos a certeza da necessidade da arte afim de aperfeiçoar as industrias, e, simultaneamente, instruir a creança nesse sentido, desde o seu primeiro passo nos cursos literarios officaes e livres.



RAPAZ QUE RI
Escultura de SEVERO PORTELA (filho)



RETRATO DA EX.ª SENHORA D. M. G. B. P.
Quadro de COLUMBANO



A LIÇÃO DE LEITURA — Quadro de Alves Cardoso



«COSTUME» — Quadro de Tertuliano



UMA RUA EM PORTALEGRE
Quadro de Abel dos Santos



MINHA AVÓ (estudo) — J. Lopes



«JERONIMOS» (claustros)
Quadro de E. G. Romero

Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes



A MERENDA — Quadro de Carlos Reis



«A 1ª ESTREIA DE MODELO» — Quadro de G. Bonvalot



«RETRATO DO EX.º SR. DR. A. TELLES» — Quadro de J. Malhoa



RETRATO DO EX.º SR. JOAQUIM FERRAZ
Quadro de Alves Cardoso



«NINI» — Escultura de R. M. Xavier



«SALOJA» — Quadro de Martinho da Fonseca



RETRATO DA ACTRIZ ADELINA ABRANCHES
Quadro de A. Benardus

CONFLAGRAÇÃO EUROPEIA

PELO MUNDO FÓRA

A lucta europeia prosegue sem treguas nem desfalecimentos. Os italianos não cessam de cantar victorias na sua marcha contra os austriacos. A sua offensiva tem porém sido muito prejudicada pelas chuvas intensas. No entanto conseguiram já a passagem do *Isonzo*, fortificando-se na sua margem oriental.

Uma divisão naval italiana destruiu a estação semaphorica e radiotelegraphica austriaca das ilhas de *Lissa* e *Cuzzola*; fez tambem grandes destroços na costa do Adriatico. Um «raid» de dirigiveis italianos avariou o couraçado austriaco «*Erzherzog Franz Ferdinand*», de 14.500 toneladas e afundou um caça-torpedeiro.

E' notavel a precisão de todos os canhões italianos de 75.

Os italianos bombardeiam com efficacia o arsenal de *Pola* e o estaleiro de *Monfalcone*, que são incendiados.

A guerra contra a Austria causou grande alegria em todas as colonias italianas. —

No Canadá ha duas classes de reserva, cada uma das quaes conta 20.000 homens. O numero de voluntarios já inscriptos no continente passa de 200.000.

As populações do Tyrol, do Friuli, e do Trentino acolhem os italianos com indescriptivel entusiasmo.

Annunzio, Garibaldi e Victor Manuel são verdadeiros idolos.

Em *Dresden*, porém, as obras de *Annunzio* são reduzidas a cinzas e nos theatros allemães são formalmente prohibidas as exhibições de operas italianas, mórmente as de *Puccini*, *Leoncavallo* e *Mascagni*.

A proposito citam-se as palavras do jornal allemão «*Der Tag*»:

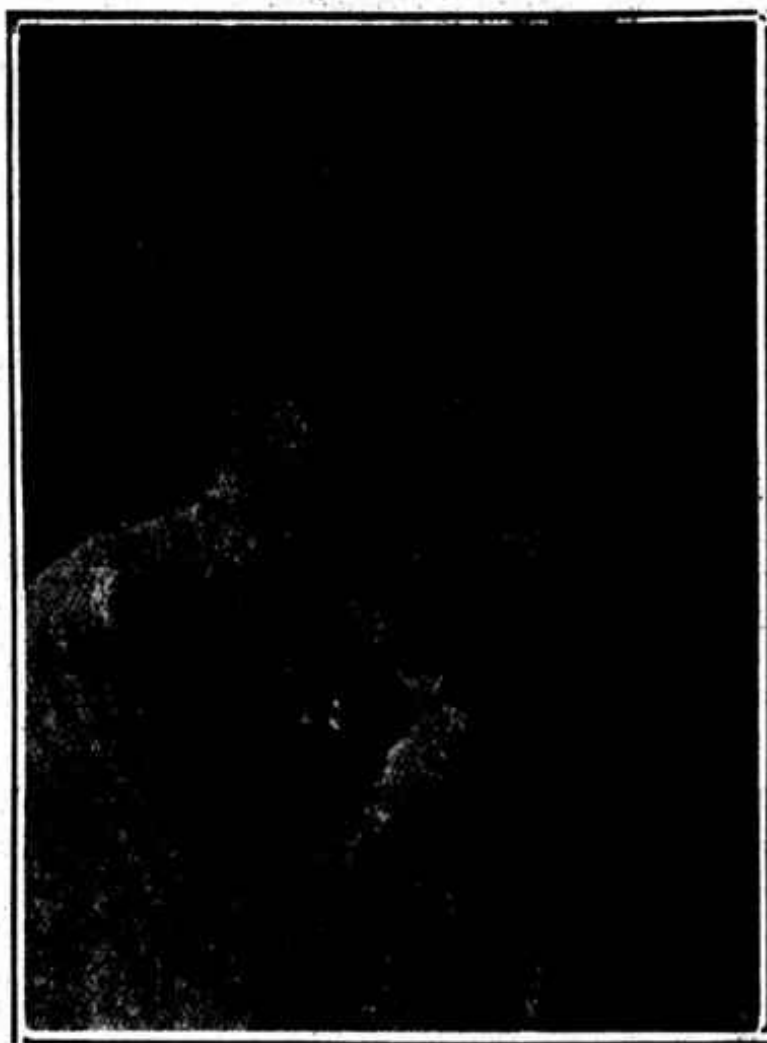
«Esta extranha e escandalosa attitudo dos italianos provocam na Allemanha dois sentimentos unanimes: um desdem sem limites e uma vontade vigorosa para fazer entrar na razão essa quadrilha de bandidos.

«Quando vimos que *Sonnino* rejeitava as offertas da Austria, experimentámos um verdadeiro allivio. *Quos vult Jupiter perdere, dementat prius*.

«Quando vimos o povo italiano pôr-se a reboque de um histrião, sentimos asco.

«A patria de *Luthero*, *Goethe*, *Kant* e *Wagner* não pode ter nada de comum com o paiz dos *Leoncavallo* e dos *D'Annunzio*.

«Em Londres e em Paris está-se em festa. O ouro inglês ganhou em Roma a batalha perdida em Lisboa, em Athenas, e em Tokio. Não importa! Quantos mais inimigos tivermos, sobretudo d'esta especie, mais orgulhosos estaremos, ainda que tivéssemos de succum-



RAINHA ISABEL DA BELGICA
PRESIDENTE DA CRUZ VERMELHA BELGA

bir, contra o numero, que não é agora o caso.

«A Italia não fará que se incline para os nossos inimigos a balança do destino; não é a hora do seu facil triumpho a que se abre para ella: é a hora da desforra de *Tripoli*, a hora das nossas justas represalias pelas suas provocações e suas injurias, a hora do grande castigo.

«Treguas ao nosso sentimentalismo; nada de piedade para os traidores.

«Que o furor teutonico caia com todo o seu peso sobre os hombros e que o latego allemão penetre até á carne d'esses *maitres chanteurs* italianos».

Na França e nas Flandres os alliados proseguem, embora muito lentamente, accentuando-se os seus avanços principalmente no *Yser*, ao norte de *Arras*, na região de *Labyrintho*, a leste da estrada de *Aix Noilette Souchez*, a leste de *Notre Dame de Lorette*, nos *Vosges* e no bosque *Le Prêtre*.

Os alliados organizaram um «raid» de 29 aviões que bombardearam o quartel general de *kronprinz*. Outros aeroplanos foram tambem lançar bombas sobre *Gand*.

Em compensação os allemães foram lançar granadas sobre *Verdun* e *Calais*.

Os dirigiveis allemães continuam quasi diariamente nos seus ataques á Inglaterra, lançando bombas no centro de *Londres*, nas docas e estaleiros, como desforço do bombardeamento praticado pelos ingleses á fabrica de *Ludwigshafen*.

Com effeito 18 aeroplanos atacaram vigorosamente a grande fabrica de explosivos em *Ludwigshafen*, no *Lago Constante*. Era ali que se fabricavam os mortiferos gazes de que os allemães se teem

servido contra os inimigos. Em 24 de abril ultimo a fabrica de anilina de *Baden* annunciava que em consequencia de ter desenvolvido a sua actividade, o numero de operarios ia passar de 10.000 a 20.000. N'essa occasião conservava-se secreta a natureza do seu trabalho; mas pouco depois começaram de apparecer os gazes asfixiantes. A fabrica de *Baden* é uma das maiores productoras de *chlorigina liquida*, base dos taes famosos gazes.

Entre os novos engenhos de guerra dos allemães citam-se os *zeppelins* dotados de reservatorios para gazes asfixiantes, e cujas experiencias se realizaram ha pouco na costa do Baltico.

Ha tambem um canhão recente, *Krupp*, que lança a grande distancia um liquido ardente.

Como todos sabem, o desenvolvimento da chimica constitue o maior titulo de gloria da Allemanha. As necessidades da guerra devem certamente ter-lhe proporcionado ensejo a centenas de descobertas n'este interminavel campo scientifico — a chimica. Para documentação d'este assumpto diremos que

o «*Jornal de Minas e Engenharia*», de Nova York publicou ha dias uma communicação do director d'uma grande companhia de metallurgia allemã em que se explica como na Allemanha se têm substituido as materias primas que ali tem faltado em consequencia do bloqueio inglês. Para o fabrico de cartuchos de espingarda, o ferro macio com uma pequena percentagem de cobre e zinco, tratados por um processo especial. A falta de gasolina e de petroleo tem sido muito sensivel. A primeira foi em muitos casos substituida pela benzina; o acetylene substitue o petroleo, servindo de combustivel em lampadas de grande formato e consumindo-se em melhores condições economicas, por ser o acetylene mais barato.

Tendo-se obtido a ammonia do nitro-geneo do ar, conseguir-se-ha em breve grande quantidade de salitre. Para a fabricação do algodão-polvora tem-se empregado o algodão e a cellulose commum, tendo esta materia dado excellente resultado.

O acido sulfurico para os usos agricolas foi substituido pela manufactura do sulfato d'ammonia, e os principaes materiaes para a manufactura de aluminio e da bauxite teem-se obtido das minas francêsas existentes no territorio occupado pelos allemães.

O imperio allemão enche-se de jubilo por um extraordinario feito d'armas que deu aos austros-allemães a posse de *Przemysl*, de que os russos se haviam apoderado, depois d'um cerco de mais de quatro meses.

Os austro-allemães tomaram a praça d'assalto, tendo os russos retirado os

140.000 homens que ali estavam bloqueados e expostos ao fogo das baterias da artilharia pesada, e que poderão entrar em outras operações de campanha. Dizem os russos que se decidiram a evacuar aquella praça, em consequencia do estado da sua artilharia e das obras de defeza, destruidas pelos austriacos antes da sua capitulação, e portanto sem condições de defesa.

Os russos teem pois recuado sensivelmente perante a offensiva austro-allema, embora as tropas dos imperios centraes tem por seu lado soffrido bastantes perdas nos combates na região de Schawli, no San, nas margens de Linbazhevka. Os austro-allemaes conseguiram tambem passar o Dniester.

Os revezes dos russos são devidos á insufficiencia das munições. Dizem elles que não fabricam mais de 30 por cento do consumo, ao passo que os austro-allemaes possuem grandes reservas de material de guerra, e fabricam no tambem em grande escala, não obstante a apregoada escassez de materias primas.

O resultado da guerra depende, portanto, não do numero de combatentes, mas da quantidade de munições. Diz-se que é devida á escassez de munições que a guerra se tem prolongado tanto. N'uma reunião de syndicatos operarios realizada em Manchester, Lloyd George definiu bem claramente a situação affirmando que a solução da guerra dependia mais dos patrões e dos operarios do que de todos os outros cidadãos.

Se a Russia está em cheque, disse elle, é porque a Allemanha tinha uma artilharia mais forte e uma superioridade esmagadora em munições, sendo essa superioridade devida a uma melhor organização das fabricas allemaes. Em uma batalha, só em uma hora, foram lançadas sobre os russos 200.000 granadas!

«Se pudessemos, accrescentou, empregar o mesmo processo, teriamos já expulsado os allemaes da França, teriamos penetrado na Allemanha e o termo da guerra estaria proximo.

«Temos actualmente muito mais homens que equipamentos; não faltam homens que respondam ao appello da patria; faltam munições. A's nossas fabricas pertence empregar os meios para se abrir uma passagem e reduzir a pó o cruel despotismo allemao.»

Para se poder avaliar da importancia do fornecimento de munições da America do Norte aos alliados, basta dizer-se que uma só encomenda de shrapnells feita pela Russia importou em 83 milhões de dollars, e foi satisfeita pela casa Carand Foundry C.^o. Outra encomenda de 30 milhões de dollars foi tambem feita á mesma firma.

As fabricas norte-americanas tiveram



RAINHA ELENA DE ITALIA
PRESIDENTE DA CRUZ VERMELHA ITALIANA

pedidos de peças de artilharia e metralhadoras no valor de 15 milhões de dollars. A fabrica de machinas de escrever Dayton, no Ohio, teve um fornecimento de percutores de shrapnel, no valor de 6 milhões de dollars.

O total das encomendas feitas ás fabricas americanas attinge a cifra de 250.000 contos, que, segundo o «Tageblatt» devem deixar um lucro medio de meio por meio!

N'estas condições é para duvidar dos esforços dos Estados-Unidos da America no sentido de se pôr termo á presente conflagração. E' por isso digno de registrar-se no ponto de algumas firmas americanas se terem negado a satisfazer determinados pedidos de munições, com o fim de se não alimentar por mais tempo tão horrorosa carnificina.

O caso do torpedeamento do *Luzitania* tem continuado a ser largamente discutido e dado origem a dolorosas represalias, contra os austro-allemaes, principalmente em Inglaterra.

O governo norte americano fez sentir á Allemanha a excitação produzida pela perda d'aquelle transatlantico com tantas vidas. A ultima nota foi redigida em termos conciliatorios, mas custou a demissão do ministro dos negocios estrangeiros Bryan.

A fortuna do millionario Vandorbilt, victima do afundamento do *Luzitania* foi avaliada em 10 milhões de libras.

O sr. Asquith declarou na Camara dos Communs que as perdas inglezas dos corpos expedicionarios em França e nos Dardanellos, comprehendendo todas as tropas metropolitanas e colonias

attingem a 10.935 e 258.069 soldados! Calcule se por aqui o morticinio da actual conflagração, sem paralelo na Historia!

A Inglaterra, além das perdas em combates tem soffrido desastres intensos que lhe causaram bastantes perdas de vidas.

No entroncamento de *Gretna* deu-se um choque de trez comboios, em consequencia de erro na mudança de agulhas, morrendo 163 pessoas, e havendo cerca do dobro de feridos.

No porto de *Sheerness* foi pelo ar o vapor *Princess Irene*, em consequencia d'uma explosão. Era um dos maiores vapores da Canadian Pacific Railway Company, construido o anno passado e ha mezes armado em guerra. Victimias 250. Foi perto do mesmo local que em 26 de Novembro explodiu o couraçado «Bulwark».

Os inglezes, não obstante todos os revezes, mantem ardente entusiasmo e certeza da victoria. O assalto geral á peninsula de Gallipoli continua com todo o vigor. Na Mesopotamia tambem a Inglaterra tem infligido grandes perdas nos turcos, e na Africa Oriental Allema os inglezes tomaram Sphixhaven, no littoral do Lago Niassa.

Não agradou á Grã Bretanha o tom do discurso do sr. *Vasquez Mella*, chefe do partido jaymista espanhol, que perante uma assistencia em que se contaram muitos representantes da mais alta aristocracia, no theatro da Zarzuela, de Madrid, fez uma notavel conferencia politica. Alludindo a situação de Gibraltar, apresentou a como um stygma da Inglaterra, e lembrou que os espanhoes estão prohibidos de se fortificarem n'um raio de 13 kilometros. Falla-se do irridentismo italiano, mas ninguem se recorda do irridentismo espanhol: os italianos querem dominar no Adriatico, mas não se preocupam com que a Espanha não domine no estreito que é mar seu territorial.

Se a Espanha dominasse em ambas as margens, ella teria na peninsula a necessaria soberania para impôr a federação. O unico obstaculo é a Inglaterra, que tem o dominio do mar; dominando o estreito, domina a peninsula, e por isso a di-idiu.

Fez a historia nacional, a partir do seculo XVII, atacando a Inglaterra e prestando homenagem á França. Disse que tinha fé em que a Espanha realizaria uma grande alliança com aquella nação, mas com a Inglaterra jámais a acceitaria. Confessou que era o primeiro a reconhecer a grandeza da Inglaterra, mas que esta subjugou a Espanha, desfazendo lhe o territorio.

Elogiou a Allemanha e entoou um verdadeiro hymno á grandeza do «Kaiser».

A Espanha carece da união com Por-

tugal, não por conquista, mas para constituir ambas as nações uma federação, com uma só política internacional. Leu períodos de Oliveira Martins para demonstrar que Portugal não pôde sentir-se humilhado com a federação e sustentou que a Alemanha quer tornar grande a península, ao passo que a Inglaterra a quer fazer pequena. Por isso elle entendia que todos se devem unir para o triumpho d'estas trez ideias: soberania do estreito, união com Portugal e afinidades com a America.

O discurso do sr. V. Mella causou tal jubilo aos allemães, que estes o radio-telegrapharam immediatamente para Berlim, gastando 8.600 pêsetas!

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA

ROMANCE

M. Dellyne

A DESTERRADA

Versão de Alfredo Pinto (Sacavem)

(Continuado do numero antecedente)

— Myrto, disse o principe, é um bocadinho orgulhosa. Bem sabe que faz parte da familia, deixemos este assumpto; ahi vem Terka já prompta e admirada de nos ver a conversar em vez de estarmos promptos, para sairmos. Devemos dizer que Myrto aprendia equitação, com seu primo. Muito elegante, fizera rapidos progressos e já podia acompanhar as suas primas em longos passeios.

Era uma elegante amazona e quando apparecia na varanda do castello, o seu corpo sob aquelle fato, tornava-se esculptural.

Irene olhou para ella e nada dizia, e o principe tratava-a com uns modos de-veras severos. A sua animosidade para com Myrto, era bem notada por todos aquelles que sabiam analysar.

Os palacios dos arredores já tinham os seus proprietarios e Milcza já tinha consentido que fossem a algumas das festas. Myrto tinha sido apresentada em todos, mas ella preferia antes as reuniões intimas onde se executasse musica.

O principe Milcza apreciava a maneira de pensar de Myrto, sempre justo e sensato. Um dia Myrto pedira-lhe para que ele lhe desse alguns conselhos sob o ponto de vista intellectual.

— Eu sou uma ignorante em algumas cousas e não quero fazer má figura.

— Estou á sua disposição, e considere-me feliz da confiança que tem em mim.

Esta confiança n'elle, Myrto a tinha em absoluto. Sem conhecer agora a elevação da sua alma, a delicadeza do seu coração, algum tempo apagadas pela dolorosa doença moral... Ella bem sabia que esta palavra pronunciada antigamente por elle, n'esse dia cuja recordação a fazia ainda tremer: «Poderá pedir tudo a seu primo», não tinha nada de exagerada. Tudo, menos o perdão de Marso, a ama que trouxera a morte do pequeno Karaly. A desgraçada posta fora com os seus, vagueava cheia da maior miseria. Ella viera suplicar á condessa, mas esta cheia de medo nem a quiz ouvir dizendo:

— Se meu filho a vê é capaz de lhe fazer mal.

Marso encontrara Myrto; cahindo de

joelhos a seus pés, foi ouvida e Myrto prometera fallar ao principe, no entanto com bastante receio. Logo ás primeiras palavras Milcza disse:

— Faça-lhe tudo, Myrto, menos isso... é uma miseravel, se não fosse ella o meu filho estava vivo.

— Mas um christão deve perdoar... deverá pensar como seria a situação da pobre mulher sem noticias da mãe e do filho doente.

— Não, isso não posso fazer.

Myrto nada quiz acrescentar.

No dia seguinte quando ambos iam dar o seu passeio a cavallo, Milcza pegando na mão de Myrto disse risonho:

— Já dei as ordens precisas para que a familia de Marso volte outra vez. Fica contente?

— Oh! principe!

O seu olhar era o melhor agradecimento que ella podia dispensar.

Nos passeios em que elle acompanhava as suas irmãs e a prima, o principe parava sempre ás portas das casas de gente pobre. Os pequenos fugiam, mas ouvindo a doce voz de Myrto voltavam logo, correndo. Os maiores seguavam nos cavallos, enquanto que os donos entram. O principe interrogava os habitantes sobre aquillo que elles necessitavam mais, fazendo festas aos pequenos.

Myrto revelava-se muito confusa pelas provas de gratidão que todos lhe mostravam. O principe muitas vezes em vez de dar elle proprio o dinheiro, encarregava Myrto de o espalhar pelos pobres.

— Olhe, Myrto tem esta quantia para dar aos seus pobres, se necessitar mais, não tenha receio de pedir. Até pensei em dar aquella casa na margem do lago a esse velho que me parece bom homem. Está de acordo?

Nada era executado sem saber a opinião de Myrto. Com o padre Joaldy e algumas com Terka discutiam a fundação de escolas para operarios e asylos para velhos. Milcza tinha mesmo feito o plano para um estabelecimento destinado a receber as crianças abandonadas, e que teria o nome do filho.

O padre Joaldy ficava sempre contentissimo quando todas as vezes que dizia a missa via occupada pelo principe a sua cadeira. Até o castello apresentava outra vida, reinando a alegria, como acontecia antigamente. Com a primavera as reuniões multiplicavam-se.

O principe Milcza convidou para Vóraczy alguns hospedes entre elles seu primo Mathias Gisza. O jovem conde estava sempre junto de Myrto, o que fazia zangar Irene.

— Torna-se ridiculo trata-la assim, quando é destinada a uma existencia mais modesta, disse Irene uma vez á mãe, vendo Myrto mais formosa com um vestido branco muito simples que lhe offerecera a condessa Gisele.

Esta olhou para a filha com surpresa. — Bem modesta é Myrto. Tu sabes que ella pediu me para lhe dar vestidos sempre simples, e se tu a vês assim é simplesmente por causa da sua formosura. Emquanto ao seu futuro modesto eu creio que fará um brilhante casamento.

Os labios de Irene crispavam-se um pouco.

— Ella é capaz... Mathias ou meu irmão principe!

— Sim que duvida... murmurou a condessa. Foi necessario que fosse ella, a unica pessoa que a fez modar... seria feliz com ella. Irene permaneceu como paralyzada.

— Como, recebe essa noticia assim? Uma rapariga sem dinheiro, filha de um artista...

— Com essas ideias tornas-te ridicula! Myrto é uma Gisza seu pae era um nobre, apenas sem muitos meios. Ella é muito distincta, belo moral e physico. Se teu irmão quizer casar com ella, não posso encontrar nenhum obstaculo.

— Vejo que está em pouca admiração por ella! disse Irene nervosamente. Ah! elle sabe o que faz, a intrigante de mãos postas, dedicada... o principe cahiu como tantos outros, que dizem que conhecem as mulheres!

— Irene, não consinto que falles assim! Myrto salvou tua irmã, é muito dedicada por nós todos.

Um ruido de passos fez-se ouvir. Era o principe com seu primo.

— Myrto ainda não desceu?

— Já, está no salão de musica com Terka... ellas ahi vêm.

— Ainda bem que chegam, disse o conde Gisza encaminhando-se para ellas, o principe Milcza vae dar duas novidades importantes.

— Importantes! disse o principe recolhendo os hombros.

— Como estás desdenhoso, disse o conde.

— Em poucas palavras posso dizer as grandes novidades, primeira, o archiduque Francisco Carlos que encontrei este inverno em Paris acaba de me informar que obtendo o dominio de Schanz, ficará nosso hospede pelo menos dois dias...

— Sua alteza?! muito estimo, disse a condessa com aspecto contente.

— Segundo, o conde Larques e a filha estarão aqui para a proxima semana.

— Ainda bem, disse Irene com ar contente. Tudo irá mudar aqui, teremos no castello festas, não é verdade, principe?

— Não serão muitas, disse Milcza com aspecto serio. Darei uma grande recepção em honra do archiduque, e talvez mais nenhuma, fixa bem isso. O sr. Larques encontrará na bibliotheca com que se entreter e a sr.^a Soliers na visinhança encontrará festas. Não tenho tenção de mudar de ideias por causa da sua chegada.

— Que enorme desgosto que estás dando a tua irmã Irene, disse o conde semi risonho.

(Continua)

O MEZ METEOROLOGICO

Maio de 1915

Barometro—Max. Altura 766.^m7 em 18.
Min. 755.^m5 em 6.

Thermometro—Max. 23.[°]4 em 13.
Min 13.[°]4 em 9, 12, 19 e 22.

As notas que a maxima de Maio for inferior á de Abril (23.[°]9). Desde 1889 que a maxima de mez não foi tão traca (Em 1889-21.[°]2). Outro facto notavel do mez é a amenidade da temperatura e o fraco afastamento entre o maximo e o minimo que não excedem 10[°].

Nebulosidade—Céu limpo ou p. nublado 12 dias.
nublado—17 dias.
encoberto—2 dias.

Chuva—42^{mm}3 em 8 dias.
Horas de sol—255 h. 21.

PELOS TEATROS

No Nacional

PASCHOA FLORIDA — peça em um acto, de Alfredo Guimarães.

A peça em um acto que o Senhor Alfredo Guimarães nos deu ha dias em primeira, no *Theatro Nacional* veio provar-nos que o moço homem de letras,



ALFREDO GUIMARÃES

tão nosso conhecido já, alia ás seguras faculdades de contista e poeta o decidido talento de um escriptor de theatro de quem muito ha a esperar.

Episodio leve, gracioso e comovido de aldeia minhota desenvolvendo todo em vinte curtos minutos e entre quatro figuras deliciosamente construidas, o encantador *lever de rideau*, vale sobretudo

pelo seu simbolismo e pelo seu lirismo. Recende deliciosamente a terra, a flores e a almas montesinhas. Fresco e orvalhado como aquella rustica hora d'alva em que se passa, toca-nos de emoções simples e sãs. É um grito de mocidade. Ouvindo-o, o nosso espirito como que convalesce momentaneamente dessa terrivel doença de estrangeirismo que para ahi grassa... O bom theatro portuguez, regionalista e enternecido, cujo fio parece ter-se quebrado para sempre com a morte de João da Camara, nota-se na peça de Alfredo Guimarães. Isto basta a que o saude-mos e o incitemos a que, proseguindo, nos dê em breve em trabalhos mais largos novas provas do seu talento de escriptor e do seu delicado sentimento das coisas e das almas rusticas d'esta nossa terra.

O successo da *Paschoa Florida* impõe-lhe essa obrigação.

O desempenho foi correcto.

No Teatro Apolo

A revista *Rosa Tirana*, em scena no Teatro Apolo, é das mais engraçadas e aparatosas, que nos ultimos tempos se tem representado nos theatros de Lisboa, composta pelos srs. Lino Ferreira, Jorge Roldão e Artur Rocha, com musica dos srs. C. Calderon e Vasco de Macedo, o publico tem-lhe dispensado todos os seus aplausos, quer aos autores, quer aos artistas que a desempenham.

Muito bem posta em scena, é especialmente para notar a bela encenação em que sobresaie o quadro, *No-desafio*, devido ao sr. José Mergulhão, distinctissimo scenografo, vantajosamente conhecido por muitos outros trabalhos da sua

arte, que cultiva com superior gosto e vocação.

O quadro a que nos referimos reproduzindo um dia de festa na aldeia, é uma prova de quanto o sr. Mergulhão estuda e conhece a vida portugêsa.

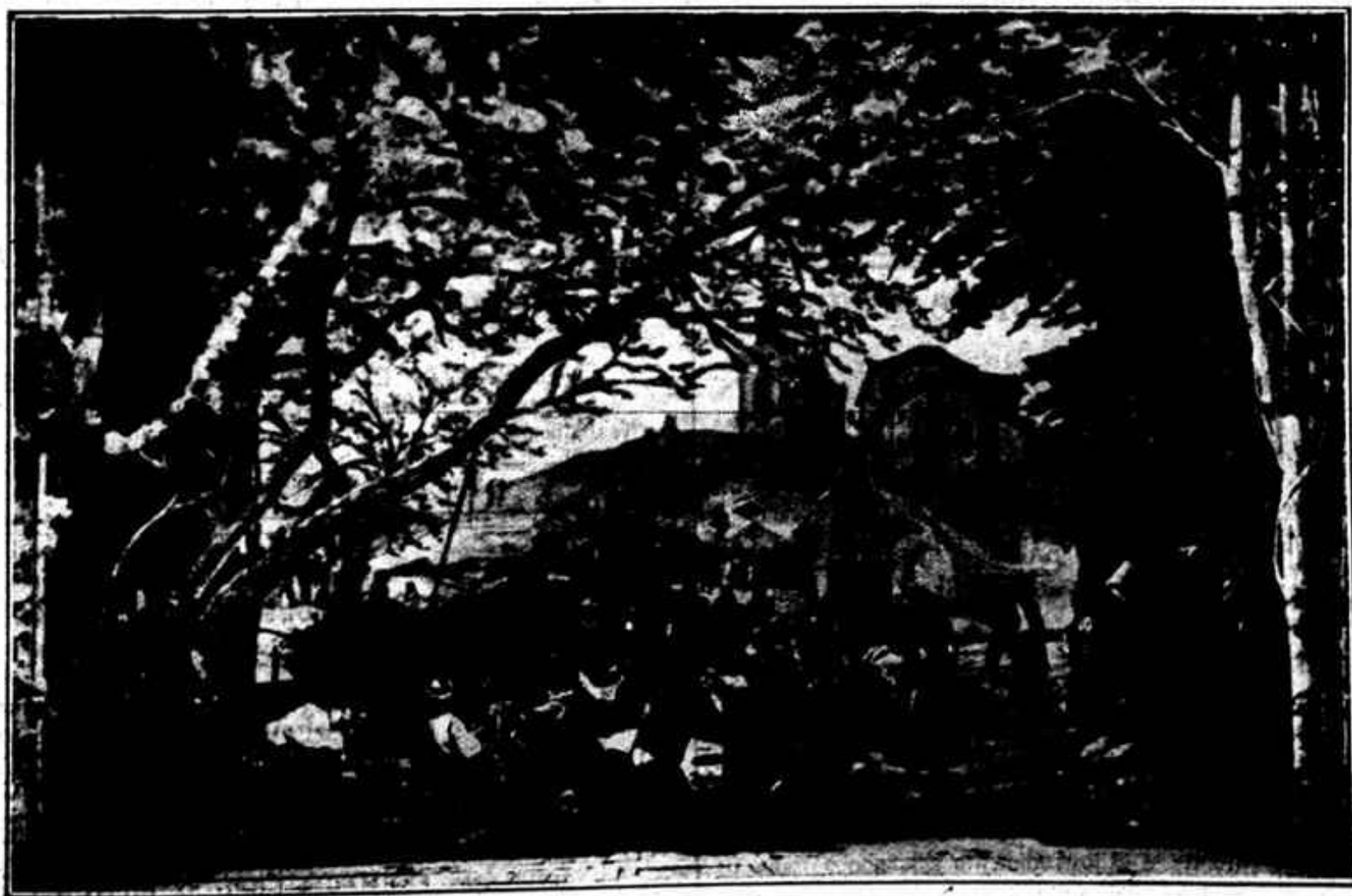


EDUARDO RAPOSO

O theatro portuguez actua'mente vai atravessando uma fase de grande decadencia, apesar de ainda possuirmos artistas de grande valor. O que é facto, porém, é que temos tambem um nucleo de artistas que, muitas vezes, ou pela sua natural modestia, ou pela adversidade da sorte, vivem quasi ignorados. É justamente o que succede com Eduardo Raposo, um esplendido artista, que, pela honestidade do seu trabalho e distincção da sua figura, se impõe á admiração dos que vão ao theatro, leva-os pelo fim de apreciar a Arte.

E Eduardo Raposo conta um grande numero desses admiradores, e todos veem nele, um distincto ornamento de theatro portugês.

MIQUEL AÇOR



Teatro Apolo — REVISTA «ROSA TIRANA», SCENA DO QUADRO NO DESAFIO
Scenografia de José Mergulhão (cliché Alberto Lima)

CURSO INTERNACIONAL

Largo do Caldas, 1, 2.^o
— TELEPHONE 3.830 —

Explicações para os Lyceus e Comercio — Lições a 2\$000 réis mensaes

Professores e professoras estrangeiras das especialidades e portuguesas, leccionam:

Português, francês, inglês, alemão, hespanhol, italiano, theorica e praticamente. — Tachygrafia, musica, piano, violino, desenho, pintura do natural, canto e labores artisticos. — Photo-miniatura, tarso metalloplastia, veludo frappé, crysalida, vitraux, photo-pintura, cloutage, choreoplastia, pyrogravura, pyroscultura, pintura em relevo.

Explicações para os Lyceus e Escolas Industriais e Comerciaes. Todas as disciplinas, lições diarias a 5\$000 réis mensaes

CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

CREANÇAS: ao preço fixo de 2\$000 a 5\$000 réis mensaes tendo a pratica constante das linguas, frequentando as aulas que desejarem e podendo permanecer das 9 ás 5 — **Pensionistas a 1\$8000 e 2\$8000 réis mensaes.**

Direcção: **MACEDO D'OLIVEIRA** — Largo do Caldas, 1, 2.^o — LISBOA

TIPOGRAFIA CESAR PILOTO

11 e 12—Largo de S. Roque—11 e 12

* * * * * LISBOA * * * * *

Trabalhos em todos os géneros, simples e de luxo. Pontualidade, perfeição e preços moderados. * *



Preparado

que
— por completo —
— tira a caspa —
e

evita a queda do cabelo

Lotion

Marie Louise
(Registada)

Deposito Geral

RETROZARIA IRMÃOS DAVID

Rua Garrett, 112-118

LISBOA

Estabelecimento de Ferragens

DE
Salvador Alves Barata

Rua da Boavista, 56 — LISBOA

Em frente do Boqueirão do Gaz — TEL. N.º 8117

Tornos de bancada, folles para forjas, cavaletes, limas, bigornas para funileiro, martellos, tubos de chumbo, dito em chapa, em barra, zinco em chapa, arame de chumbo, latão, cobre, ferro zincado, estanho em barrinha, cadinhos americanos para fundição, serras circulares sem fim, etc., etc.

Preços resumidos

CASA DA INDIA

DE José Lopes Flores, Sobrinho
(REGISTADA)

Grande e variado sortimento de chás verdes e pretos, cafés-da Africa e do Brazil, assucar, arroz, massas. Lonças de porcelana de Faiança, Lenços de seda da India, leques do Japão e Barcelona, caixas de xarão e bandejas.

49. Rua do Loreto, 51 — Junto ao Cordeiro

LISBOA — Telefone 4299

Livraria Ingleza

DE
M. LEWTAS & TABOADA

Grande sortido de livros de estudo e de recreio

Livros de missa e Semana Santa, East Cards

Grande sortimento de livros infantis proprios para presentes de creanças, livros de estudo ingliezes para todas as classes adoptados nos lyceus.

Historia da Guerra illustrada com mappas e retratos, vistas das cidades attingidas pela Grande Guerra. Venda avulso e por assinatura.

Preços limitados

Grande sortido de papel ingliez de luxo e de escritorio, jornaes de modas, revistas illustradas, havendo um grande saldo a liquidar para 100 réis.

Sortimento de guarda-chuvas, bengalias, sombrinhas, tudo a preços limitados

138. R. do Arsenal, 144

O TESOURO DO CABELO

♦ ♦ ♦ ♦ Á venda nas farmacias e drogarias etc. ♦ ♦ ♦ ♦

— **Deposito geral: SANTOS & SILVA VIEIRA** —

Rua da Boa Vista, 16 — LISBOA * **Telefone n.º 2.492**

E' o unico que cura as doenças que fazem cair o cabelo e extermina a caspa. Numerosos atestados de medicos, farmaceuticos, etc., etc., comprovam os seus efeitos. ♦ ♦
Frasco 1\$000 réis — 1/2 frasco 600
(Franco de porte para o continente e ilhas, enviando a importancia) ♦ ♦

Cacan, Cakula e Chocolate Iniguez

Vende-se em toda a parte

BOMBONS e NOUGAT da FABRICA INIGUEZ

Kilo 1\$500 réis



Os bombons da Fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia.

Pacote de 500 grammas 600 réis

Atelier Photo-Chimj-Graphico

J. MARINHO

CALÇADA DA GLORIA, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 2189

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.



GRAND PRIX

O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO-Londres 1904

Xarope Pectoral James

Premiado com medallas de ouro nas exposições: Lisboa 1898.

Paris 1889, Belem 1893.

Lisboa 1904, Londres 1904, Ha de Janeiro 1908, etc.

Merece contra todas as affecções dos orgãos respiratorios, taes como: tosse, re-heldes ou convulsões, ataques asmaticos, bronquites agudas ou crónicas. Legalmente autorizado pelo Conselho de Hauda Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Hygiene dos E. U. do Brazil.

A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

Deposito Geral: **FARMACIA FRANCO, FILHOS**

PEDRO FRANCO & C.

Rua de Belem, 147 — LISBOA